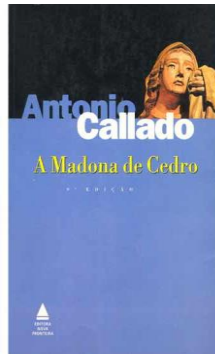


A Madona de Cedro, de Antônio Callado

Resenha: Prof. Ricardo Madureira

Objetivo: Divulgação para estímulo à leitura



Capa. Para mais informações, acesse o site da Editora Nova Fronteira

Congonhas do Campo, MG. Década de 50. Delfino é um rapaz pobre, amargurado, que sobrevive da venda de souvenirs de arte sacra, compradas pelos turistas. Até que um dia a riqueza vem tentá-lo (como o diabo tentaria Eva?), na forma de um velho amigo de infância — Adriano — que retorna do Rio de Janeiro, todo boa-vida, todo bem vestido, despertando cobiça. O velho amigo então leva o mineiro Delfino para conhecer o Rio de Janeiro, prometendo-lhe oportunidades de riquezas, desde que ele possa fazer um serviço sujo, arriscadíssimo, para um misterioso senhor, apaixonado por artes sacras, que seria muito parecido com Judas Iscariotes.

Na cidade maravilhosa, Delfino se apaixona pelo mar, onde quase morre afogado, mas é arrastado mesmo, de verdade, é pelas ondas do amor de Marta (mar – Marta!). Os pais da jovem moça gostam de Delfino, porém, rigorosos nos costumes, só concederão a mão da moça em casamento caso Delfino tenha uma situação financeira decente para poder sustentar Marta e aos filhos dignamente. O pobre rapaz, sem dinheiro, vê-se perdido. É aí que seu velho Adriano amigo entra, encomendando-lhe o roubo de uma rica peça de arte barroca, a Madona de Cedro (representação de Nossa Senhora da Conceição) guardada no Santuário de Matozinhos, em Congonhas do Campo. Por amor, Delfino morde a maçã da tentação...

Sua vida começa a mudar de repente... junto à prosperidade, vêm os pesadelos... tudo fica de cabeça para baixo em sua vida a partir daquele roubo. Quanto tempo ficaria escondido? Nossa Senhora da Conceição castigaria Delfino por seu pecado de amor, ou lhe daria uma chance de redenção?

Não é preciso ser católico para entrar no clima desse emocionante drama de amor, com direito a mistério e enredo de livro policial. Uma narrativa deslumbrante de Antônio Callado, um dos nossos melhores autores na literatura brasileira.

Boa leitura!